

# O pronome e a noção de dêixis

Tatiana Maria Silva Coelho  
Universidade Federal do Ceará

**ABSTRACT:** *The aim of this article is to put in question the point of view proposed by Camara Jr. about pronouns and deixis in his book Princípios de lingüística geral, (1969). Based on the point of view of Lahud (1979), I set up my discussion arguing that the deixis represents one collective meaning, with referential and signification symbolical up-to-date according to the object.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *pronome; dêixis; sentido coletivo.*

## Introdução

O presente trabalho procura fazer uma crítica à forma como Camara Jr. (1969) caracteriza os pronomes com base na dêixis. Utilizaremos, para isso, a proposta de Lahud (1979).

De acordo com Camara Jr, haveria dois campos que fariam a distinção entre um nome e um pronome: o simbólico e o mostrativo. No campo simbólico, estariam os nomes, por trazerem uma significação; no mostrativo, todos os pronomes, por serem, segundo o estudioso, meros indicadores do ser no espaço, ou seja, dêiticos.

Com base em Lahud, esperamos mostrar que os pronomes propriamente dêiticos o são, não apenas por serem indicadores. Para o autor, os dêiticos apresentam um sentido, no caso coletivo, que é fornecido na língua e pela língua. O fato de haver a necessidade de se recorrer ao discurso para determinar a “pessoa lógica”, que se refere, deve-se a esse seu sentido coletivo que impossibilita a determinação do “objeto singular” dentro da proposição.

Afirma ainda o lingüista que, ao se tentar caracterizar a dêixis a partir da classificação dos signos, deve-se recorrer à proposta de Peirce que define o dêitico como índice e símbolo simultaneamente.

## 1. A problemática dos pronomes segundo Camara Jr

Dentre as classes de palavras trabalhadas por Camara Jr., está a dos pronomes. Esta é diferenciada da classe dos nomes pelo fato de exprimirem um “ser” dentro de uma determinada situação lingüística, por oposição ao nome que exprime o próprio ser, em outras palavras, na oposição entre campo simbólico e campo mostrativo, respectivamente, do nome e do pronome. Este último guarda conexão com a noção de dêixis, segundo Camara Jr. (1977:s.v. dêixis): “faculdade que tem a linguagem de designar, mostrando, em vez de conceituar. A designação dêitica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceitual em qualquer sistema lingüístico.”.

Em trecho de outra obra (Camara Jr., 1969), o autor vincula dêixis à noção ampla de espaço, este tendo como referência o falante.

*O pronome limita-se a mostrar o ser no espaço, visto esse espaço em português em função do falante: eu, mim, me «o falante qualquer que ele seja», este, isto «o que está perto do falante», e assim por diante. Também, morficamente, inconfundivelmente se distingue do nome, como apreciamos mais de perto no capítulo referente a êle. (CAMARA Jr, 1969: 68)*

Essa posição de Camara Jr (1969), com relação aos pronomes, é apoiada nas idéias de Bühler (1934), que caracterizou o nome como nomeador, pertencente a um campo simbólico e o pronome como indicador, pertencente a um campo mostrativo. Demonstra-o a passagem abaixo.

*Os pronomes são assim, na sua forma lingüística elaborada e complexa, SINAI, como aquêles rudimentares que se deparam numa floresta ou numa estrada: indicam em vez de nomear. A eles adere, do*

*ponto de vista semiológico, uma “indicação” em vez de uma “significação” (...). A sua definição foi feita claramente pelo indo-europeísta norte-americano L. Gray: “Semanticamente, os pronomes diferem dos nomes em serem essencialmente dêiticos<sup>3</sup>. Não designam pessoas, coisas ou conceitos ou qualidades em geral (como fazem os nomes man, stone, thought, goodness); mas, sem limitação a uma dada categoria de idéias, denotam um indivíduo específico de qualquer categoria...” (...). (Camara Jr, 1969: 155)*

Os dois tipos de pronomes referidos até o momento são os chamados pronomes pessoais, que têm como principal função ser o elemento responsável pela formulação de uma frase, por exemplo, *Pedro não virá, ele está doente*; e os chamados demonstrativos, responsáveis por estabelecerem uma relação espacial com as pessoas gramaticais, por exemplo, *estas pessoas parecem felizes*; “estas pessoas” não são quaisquer pessoas, apenas as que nos referimos num determinado espaço.

Em Camara Jr. (1981), os demonstrativos não se limitam aos de natureza substantiva e adjetiva, como *isto/este*, mas também aos de natureza adverbial, a exemplo de *aqui, acolá*. Em Camara Jr. (1977:s.v.pronome), o autor continua a insistir na situação espacial do ente. No verbete *advérbio*, da mesma obra, os advérbios de tempo são incluídos entre os nomes.

Cumpramos ressaltar que, somente em Camara Jr. (1979), há uma mudança de perspectiva, pois os advérbios de tempo passam a ser incluídos na classe pronominal.

*Dois são de natureza pronominal por sua função na comunicação lingüística. Destinam-se a situar o evento comunicado no espaço ou no tempo em relação à posição espacial ou temporal do falante; podemos chamá-los, respectivamente, os advérbios locativos e os advérbios temporais. (Camara Jr, 1979:115)*

Os pronomes indefinidos e interrogativos são apenas mencionados em Camara Jr. (1969 e 1979). É nestas obras que percebemos que o autor os enquadra na classe dos pronomes, criando, para isto, o conceito de dêixis-zero, o que gera um paradoxo: uma subclasse é definida pela ausência do traço geral que define a classe como um todo.

Saliente-se também que a noção de campo simbólico (conceito) oposta à de campo mostrativo (dêixis) também não está clara, pois os dêiticos têm significado lexical, dicionarial, que se reporta a um conceito (cf. Llorach, 2000).

## 2. O ponto de vista de Lahud

### 2.1. O dêitico e o sentido coletivo

Lahud (1979) rejeita a caracterização dos dêiticos apenas como indicadores, uma vez que apresentam um sentido lingüístico completo. Para um falante entender o enunciado *eu quebrei o meu braço*, segundo o estudioso, é necessário apenas que tenha competência lingüística. Nomes como *Pedro, Marisa* só terão seu sentido compreendido, se houver conhecimento prévio. Já com os dêiticos, o sentido é fornecido na língua e pela língua.

Lahud se reporta ao que chama caráter coletivo do

sentido dos dêiticos. Não é possível determinar um objeto singular, ou melhor, um sujeito psicológico sem ter que recorrer às circunstâncias do discurso:

*Ora, como salientamos, o sentido determinado dessas expressões referenciais que são os dêiticos é tal que seu referente permanece de certa forma indeterminado. Mais precisamente: indicando uma relação bem determinada entre um “objeto” e as circunstâncias discursivas (indicação constitutiva do sentido constante e preciso dos dêiticos), eles indicam esse próprio “objeto” de maneira indeterminada – no mesmo sentido em que um signo de variável figurando numa fórmula algébrica ou ideográfica é dito por Frege “indicar de maneira indeterminada” (unbestimmt andeuten).<sup>19</sup> O referente de um dêitico é um lugar vazio que pode ser ocupado por todos os “particulares” capazes de estabelecer com o ato de fala a relação significada pelo dêitico em questão. E é nessa dependência em que se encontra a determinação exata do “objeto” singular denotado pelos dêiticos face às circunstâncias discursivas. (LAHUD, 1979:73).*

## 2.2. O dêitico na classificação dos signos

Lahud, ao caracterizar os dêiticos com base na classificação dos signos, leva em conta as idéias de Peirce, que acredita haver um componente psicológico para apoiar tal caracterização. Para este autor, todo signo lingüístico é símbolo, ou seja, está sempre relacionado a um objeto de forma arbitrária.

*Entre a palavra e a coisa, existe necessariamente um “conceito”, uma “idéia” ou “fundamento de representação”, como diz Peirce, e a designação lingüística passa obrigatoriamente por esse traço gerais associados a cada representamen. Vê-se que o que está sendo assim afirmado do símbolo corresponde exatamente ao princípio de Frege segundo o qual a significação é “anterior” à referência e que esta só possível em virtude da significação. (LAHUD, 1979: 77).*

O índice é caracterizado pelo autor como realizador de uma pura designação. Entre o índice e a “coisa” não há uma idéia ou expressão do pensamento. A referência, nesse caso, ocorre através de uma “conexão dinâmica” ou “relação existencial” entre o signo, o objeto e o próprio sujeito semiótico.

*Como diz Peirce: “the index asserts nothing, it only say there!”.<sup>40</sup> É, portanto, evidente que o índice-arquético seja o próprio gesto de indicação (act of point), o ato de mostrar algo com o dedo (indicador!). (LAHUD, 1979: 82).*

Dizer que os dêiticos são símbolos-índices implica duas conseqüências. Como índices, são termos referenciais, individualizando o objeto denotado, mas não através da própria relação de contigüidade em que se encontram com a “coisa”. Como símbolos, apresentam uma significação arbitrária, que necessita da situação para singularizar o objeto, como se verifica neste passo.

*Signos cuja referência se realiza por uma remissão dinâmica e existencial ao individual de um lado, e à situação discursiva, do outro; e signo cuja significação não fornece nenhuma descrição do objeto próprio, mas torna possível tal referência – isto é, apenas “dá” a “posição” do objeto em relação ao signo e ao locutor: torna-se, portanto, nítida a convergência entre a caracterização desse conjunto de signos na perspectiva de Peirce – caracterização implícita a sua própria denominação como símbolos-indicadores – e aquela dos dêiticos acima apresentada. (LAHUD, 1979: 82).*

Ao trabalhar com a distinção entre símbolo/índice, Peirce parece ter se apoiado na diferenciação de *type* e *token* (*type*= signo-tipo, *token*= signo-ocorrência), pois é possível constatar em sua teoria a existência do símbolo-ocorrência e do símbolo-tipo. Contudo, não se pode fazer essa distinção com o índice. Assim, Lahud propõe a criação do símbolo-indicador-tipo cujas ocorrências trazem a significação própria desse símbolo através de uma indicação espaço-temporal, mas essa significação própria será atualizada de acordo com o objeto que ela indica:

*Cada “ocorrência” desses signos não somente possui tal significação, mas também a realiza, e, ao realizá-la, se autoconstitui em centro espaço-temporal do processo de localização e de identificação referencial e em fonte de informação indicativa – daquela informação prevista por sua própria significação simbólica.<sup>45</sup> Em suma, cada “ocorrência” de um “símbolo-indicador-tipo” afeta sua própria significação simbólica de um aqui-e-agora indicador, que permite a atualização do objeto a que remete virtualmente essa mesma significação, e que faz com que, a cada “ocorrência”, essa virtualidade se atualize num objeto diferente. (LAHUD, 1979: 84).*

## Conclusão

De acordo com nosso artigo, constatamos que Camara Jr, ao aceitar a idéia de Bühler (1934), sobre a existência do campo simbólico para os nomes e do mostrativo para os pronomes, acaba afirmando que o sinal ou a dêixis é totalmente vazio de significação. Portanto o pronome apresenta uma significação gramatical, pois apenas aponta para um elemento dentro ou fora do discurso.

Contudo, o autor não leva em conta o fato de que o sinal pronominal tem uma significação lexical. Por exemplo, o pronome *este* é conceituado, em Aurélio (1996), como o que designa a pessoa ou coisa presente e próxima de quem fala. Dentro do texto, o pronome *este* pode também ser caracterizado com o elemento que significa algo íntimo ou até querido pelo falante, portanto, próximo dele psicologicamente.

Outro problema encontrado é a postulação da dêixis-zero, que em nenhum momento é esclarecida e serve apenas para justificar a inclusão dos indefinidos no quadro dos pronomes.

Há um último aspecto sobre os pronomes a ser questionado dentro do trabalho do lingüista, é a falta de uniformidade teórica: em Camara Jr. (1981), trata só dos pessoais e demonstrativos, nestes incluídos os advérbios de lugar e não incluídos os advérbios de tempo. Já em Camara (1979), os advérbios de tempo são incluídos, bem como os indefinidos.

Lahud, ao contrário de Camara Jr., já traz em seu texto uma idéia consistente sobre os pronomes, lançando luz sobre a questão da conceituação destes. Fica claro que o pronome tem um significado coletivo, necessitando do discurso para singularizar este sentido. Este significado é capaz de se atualizar de acordo com o referencial da situação. Comportam significado lexical que demanda a situação discursiva para especificar tal significado.

## Referências bibliográficas

- BÜHLER, Karl. *Teoría del lenguaje*. Madrid:Alcalá, 1934.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso Jr. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro:Acadêmica, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. Padrão, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis:Vozes, 1981.
- FERREIRA, Aurélio B.de Holanda (1996) *Dicionário Aurélio eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LAHUD, Michel. *A propósito da noção de dêixis*, São Paulo: Ática, 1979.
- LLORACH, Emilio Alarcos. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2000.